
A MADONA DOS "SUB-DOTADOS" NÃO HÁ CRIANÇAS IDIOTAS

Anny Cordié, antigamente médica generalista, é neuro-psiquiatra e psicanalista lacaniana. Graças à sua experiência com crianças em dificuldade, ela publica hoje "**Os cábulas não existem. Psicanálise de crianças em fracasso escolar**". (Editora Seuil, 302 pág., 130F.)

Entrevista concedida a Anne Fohr para LE NOUVEL OBSERVATEUR nº 1505 (9-15/09/1993, p.84).

Mãe de família numerosa e avó mimadora, esta analista de tendência DOLTO já recuperou dezenas de crianças em situação de fracasso escolar. Para ela, os cábulas, os alunos ditos péssimos não existem.

LE NOUVEL OBSERVATEUR: No século XVI, já se falava de cábulas e a Sra. pretende que não existem?

ANNY CORDIÉ: Não há cábulas no sentido de crianças idiotas, burras ou preguiçosas. Somente crianças em que há uma parada de investimento intelectual, o que chamamos uma inibição. Como se diz, corriqueiramente, "isso bloqueia." Antigamente, isso bloqueava freqüentemente sobre a alimentação; atualmente, isso bloqueia sobretudo sobre a escola, porque esta é superinvestida pela sociedade. De cada dez crianças que eu vejo no consultório, quatro "fazem" um bloqueio ou um fracasso escolar. Mas este bloqueio tem sempre uma significação. Por trás há sempre um sofrimento, muitas vezes muito afastado do que se pode imaginar e que pode ter causas múltiplas. Nada a ver com falta de inteligência.

N.O.: Há um denominador comum nas crianças em fracasso escolar?

A.C.: A angústia. Elas não entendem o que acontece com elas, mas pensam como os pais, como os professores, que um fracasso escolar leva a uma vida tam-

bém fracassada. Muitas dizem que mais tarde serão vagabundos (*clochards*).

N.O.: Um fracasso escolar, segundo a Sra., se trata da mesma maneira que uma neurose?

A.C.: Exatamente. E com as crianças, às vezes é rápido. Acontece que, em uma ou duas semanas, seja possível detectar o que as obceca e as impede de aprender. Pois na origem do fracasso escolar, há freqüentemente um "interdito de saber" subjacente. Pode ser um desejo de morte para com outra criança, um segredo de família, um acontecimento traumático que a criança sabe que não deve saber e que, afinal, a impede de aprender. O que quer que seja. O tratamento as ajuda a sair deste "interdito de saber" que as torna "débeis." Às vezes, para desbloquear uma criança, basta dizer-lhe, por exemplo, porque seu nome é diferente do de seu irmão ou do de sua irmã. Em um ambulatório em Ivry (cidade fronteiriça ao sul de Paris - nota do tradutor), acompanhei famílias que vinham acompanhadas por uma multidão de filhos, os quais tinham todos um nome diferente. Estavam perdidas, confusas na sua identidade, logo, também na sua vida. Isso melhorava muito após uma explicação na minha sala, onde os adultos, todos reunidos, reconstituíam, sobre uma grande folha de papel, toda a saga familiar.

N.O.: Em suma, quando as coisas não vão bem na escola, devemos procurar

um psicanalista. "Seremos novamente culpabilizados", dirão os pais.

A.C.: Os pais não são culpados se seus filhos são assim; todavia, eles são responsáveis na medida em que é sua própria vida, é seu próprio inconsciente que transparece no comportamento da criança, seja ele de identificação ou de oposição a eles. É uma questão de coragem, de ética, não acusar somente a sociedade, o sistema escolar mas também interrogar-se sobre o sentido íntimo do fracasso escolar de seu filho. Esta interrogação faz regredir, na maior parte dos casos, à sua própria identidade e à sua própria infância. Evidentemente, isto é mais difícil que empurrar a criança no circuito das reeducações. E isso pode colocá-lo, você mesmo, em dificuldade. Quando numa terapia uma criança faz progressos, freqüentemente o equilíbrio familiar se rompe: o pai pode ter um enfarte, a mãe pode fazer depressão, outro filho pode dar passos em falso, tudo isso somente porque há um filho que não está mais no seu lugar de "débil."

N.O.: Os exemplos dados em seu livro sugerem que freqüentemente a mãe tem mais responsabilidade que o pai na gênese do fracasso escolar.

A.C.: É claro que, para aprender, a criança deve se livrar da influência da mãe. Se esta mãe faz da criança o seu objeto pessoal, ela não pode. O rapaz, particularmente, vive esta investida, esta possibilidade como um estupro. Ele rejeita inconscientemente este "mingau" com que ela quer "cevá-lo". Muitas mães têm dificuldade para "soltar" seu filho, para deixá-lo tomar sua independência. Eles são antes orgulhosas, dizendo que cuidam muito dele, que "fazem tudo" para ele. Ouve-se muitas vezes "sem mim, ele não faria nada". O que por sinal

é verdade. Nesta situação, se um se solta do outro, este último faz depressão. Eu tive uma criança, emergente de um fracasso escolar, que se preocupava com "o que iria fazer sua mãe se ela não mais o ajudasse nos seus deveres de casa." Subentendido: eu a faço agüentar, eu não vou abandoná-la. O trabalho do analista é possibilitar esta separação. Para querer aprender é preciso assumir-se como ser autônomo, como ser sexuado.

N.O.: Esta coisa batida de "pai ausente" corresponde a uma realidade?

A.C.: Às vezes as mães é que tornam os pais ausentes: quantas vezes, quando pedia às mães para ver os pais, ouvi esta resposta: "Ele nunca virá". Pois TODOS vieram: e muito contentes que se lhes desse vez. Isto é a perversão feminina, a possessividade, este jeito de dizer "a criança é minha!"

N.O.: Devem os professores assumir a parte neurótica inconsciente do fracasso escolar?

A.C.: Um professor não é feito para cuidar mesmo daquilo, mas está confrontado com o problema. Ele deve poder detectar o sofrimento psíquico de um aluno e sugerir, ocasionalmente, um encontro com um psicanalista. Dever-se-ia ensinar a todos os professores em formação a saber fazê-lo. Constatei que muitos professores repetem às mães que elas devem supervisionar os deveres de casa dos seus filhos. Como se isto devesse responsabilizar as crianças: em vez de facilitar a separação, eles reforçarão o elo. Por outro lado, muitas vezes são antigos bons alunos, incapazes de compreenderem a parte do inconsciente no fracasso escolar. Para eles, o sucesso é coisa de vontade. Seus alunos sempre podem "fazer melhor". Os professores que tiveram problemas com

seus próprios filhos são aqueles que melhor detectam um sofrimento escolar e sabem falar a respeito com os pais de uma maneira não desvalorizante e eventualmente lhes sugerir uma ajuda externa.

N.O.: Quando se fala em cábulas, pensa-se também em craques. Quem são eles, estes alunos modelos? Anti-cábulas, sem ferida do inconsciente?

A.C.: Às vezes superdotados, mas também crianças que correm o risco de desenvolverem uma neurose obsessional. O "cábula" é inibido no trabalho intelectual; o "craque", ao contrário o superinveste cortando-se de suas pulsões, de seus fantasmas, de seus desejos. Estes hiperbons alunos, obcecados pelo primeiro lugar, acabam desamparados e deprimidos se o perdem. Nós, psiquiatras, conhecemos pacientes peritos na sua especialidade intelectual que não vivem e não resistem senão pelo saber: pode-se ser psicótico e ter o primeiro lugar na agregação (grau universitário na França - nota do tradutor).

N.O.: Felizmente, há o aluno lambda, nem cábula nem craque. Temos certeza que este, pelo menos, possa ser feliz na escola? Françoise Dolto não afirmava, em 1965, que "atualmente e com muito raras exceções, a adaptação escolar é um sintoma maior de neurose?"

A.C.: Somente a superadaptação é preocupante. Há uma adaptação média, um equilíbrio entre sublimar e reprimir suas pulsões e o gosto do jogo. Uma criança geralmente encontra tempo para se divertir ao mesmo tempo que ela tem vontade de aprender, apesar das frustrações que isto implica. Isto é que é o ideal.

Aos 8 anos, Floriane era o desespero dos seus pais-professores: ela "não fazia nada na escola", apesar das sessões de psicomotricidade e de ortofonia. Estavam quase ao ponto de dirigi-la a uma instituição especializada. Quando da primeira entrevista, a sós com a psicanalista **Anny Cordié**, os pais acabaram revelando que nunca disseram a ninguém: Floriane é uma criança adotada. Para eles, "não é possível dizer a verdade a Floriane"; a pequena foi adotada após o nascimento de seis filhos mortos no nascimento ou com pouca idade.

Enquanto isto, na sala de espera, Floriane desenha uma casa com, no primeiro andar, um senhor e uma senhora, sentados a uma mesa. Ela explica:

"Um papai e uma mamãe; estão tristes porque o lobo comeu suas seis criancinhas". No dia em que, após muita hesitação os pais anunciam a Floriane que eles têm uma coisa importante para lhes dizer, e começam contando a história da adoção, Floriane os interrompe: "Eu sei, eu lhes sorri e vocês me escolheram". Em dois anos na escola Floriane compensa o tempo perdido e aprende inglês.

A.F. Le Nouvel Observateur, nº 1505, 9-15/9/1993, p. 84).

E FLORIANE APRENDEU A LER ...

